

Santiago Castillo Arredondo
Catedrático, Faculdade de Educação
Universidade Nacional de Educação a Distância -
Uned (Madri/Espanha)

Jesús Cabrerizo Diago
Professor associado, Faculdade de Educação
Universidade Nacional de Educação a Distância -
Uned (Madri/Espanha)

tradução de
Sandra Martha Dolinsky

avaliação
educacional
e promoção escolar

2009



Editora Ibepex Ltda.

Diretor-Presidente
Wilson Picler

Conselho Editorial
Ivo José Both, Dr. (presidente)
Elena Godoy, Dr.
José Raimundo Facion, Dr.
Ulf Gregor Baranow, Dr.

Editor-Chefe
Lindsay Azambuja

Editores-Assistentes
Adriane Ianzen
Jerusa Piccolo

Editor de Arte
Raphael Bernadelli

Revisão
Schirley Horácio de Góis Hartmann

Capa
Denis Kaio Tanaami

Projeto Gráfico
Bruno Palma e Silva

Fundação Editora da UNESP (FEU)

Presidente do Conselho Curador
Herman Voorwald

Diretor-Presidente
José Castilho Marques Neto

Editor-Executivo
Jézio Hernani Bomfim Gutierrez

Conselho Editorial Acadêmico
Antonio Celso Ferreira
Cláudio Antonio Rabello Coelho
José Roberto Ernandes
Luiz Gonzaga Marchezan
Maria do Rosário Longo Mortatti
Maria Encarnação Beltrão Sposito
Mario Fernando Bolognesi
Paulo César Corrêa Borges
Roberto André Kraenkel
Sérgio Vicente Motta

Editores-Assistentes
Anderson Nobara
Arlete Zebber
Dida Bessana

título original
*Evaluación Educativa y
Promoción Escolar*
© 2003, Pearson
Educación, S.A.

direitos da edição
brasileira reservados à
Editora Ibepex Ltda.

Castillo Arredondo, Santiago
Avaliação educacional e promoção escolar / Santiago
Arredondo Castillo, Jesus Cabrerizo Diago ; tradução
de Sandra Martins Delizadey - Curitiba: Ibepex; São
Paulo: Unesp, 2009.
584 p.

ISBN 978-85-7839-167-4

Título original: *Evaluación Educativa y Promoción
Escolar*

1. Avaliação educacional. 2. Promoção escolar. I.
Cabrerizo Diago, Jesus II. Título.

CDD 371.28
20. ed.

Proibida a venda desta edição em Portugal e
demais países da Europa.

Informamos que é de inteira responsabilidade
dos autores a emissão de conceitos.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser
reproduzida por qualquer meio ou forma sem a
prévia autorização da Editora Ibepex.

A violação dos direitos autorais é crime
estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo
art. 184 do Código Penal.

CELAD
Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe

ABEU
Asociación Brasileira de
Editorias Universitarias



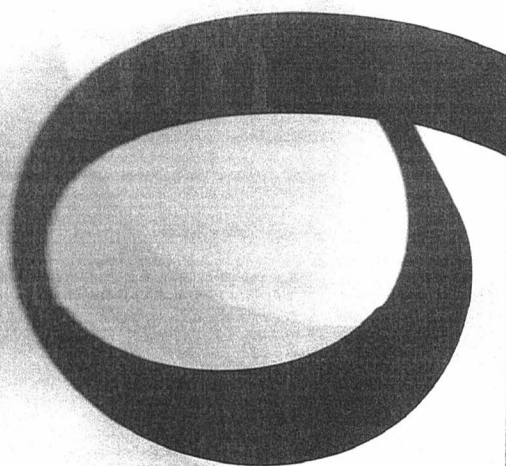
Editora Ibepex Ltda.
Rua Tobias de Macedo Junior, 319
Santo Inácio
82010-340 - Curitiba - PR
Tel.: (0xx41) 2103-7306
www.editoraibepex.com.br
editora@editoraibepex.com.br



Fundação Editora da UNESP (FEU)
Praça da Sé, 108
01001-900 - São Paulo - SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
feu@editora.unesp.br

unidade
didática
um

a avaliação na educação



1. Introdução

A avaliação se transformou, nos últimos anos, em um elemento central dentro do âmbito da Didática. Depois de um longo período em que predominava uma concepção técnica dos processos educacionais (dentro dos quais a avaliação consistia simplesmente em comprovar a conquista dos objetivos), afloram, agora, novas proposições teóricas que outorgam um lugar preponderante à avaliação.

Nos últimos anos, aprecia-se um protagonismo da avaliação, não somente em âmbitos acadêmicos, mas também políticos, dado que a Administração educacional a considera como um requisito essencial para a melhora da qualidade educacional. *A melhora da qualidade do ensino exige ampliar os limites da avaliação para que possa ser aplicada de modo efetivo ao conjunto do sistema educacional* (Lei Orgânica 9/95 LOPEGCE, Exposição de motivos). Isso está em consonância com o que era expresso no preâmbulo da LOGSE (1990): *"A Lei atribui uma singular importância à avaliação geral do sistema educacional (...). A atividade avaliadora é fundamental para analisar em que medida os diversos elementos do sistema educacional estão contribuindo com a consecução dos objetivos previamente estabelecidos. Por isso, há de se estender à atividade educacional em todos os seus níveis, alcançando a todos os setores que dela participam"*.

Em uma recente publicação de Rodríguez Diéguez (2001), fica clara a imprecisão e a inconsistência do conceito de *avaliação* em documentos e publicações surgidos ao amparo da Reforma Educacional dos anos 1990. A variedade de funções e finalidades que vai sendo incorporada à avaliação faz com que aumente sua complexidade e obriga os autores a marcarem ou apontarem sua delimitação conceitual antes de adentrar o desenvolvimento de algum tema relacionado a ela.

Partimos da evolução do conceito de avaliação e de suas sucessivas contribuições à educação (Cronbach, Tyler, Scriven, Stake...); recordamos o debate sobre modelos quantitativos, qualitativos, etnográficos, ecologistas e situamo-nos nas proposições atribuídas à avaliação com a Lei Geral de Educação de 1970 e, acima de tudo, nesta última década, a partir da Reforma Educacional, que, em boa parte, estão baseadas

nas teorias dominantes ou nos modelos dos autores antes citados, até chegar à Lei de Qualidade da Educação (Lei 10/2002).

2. Objetivos

O estudo do conteúdo desta unidade didática permitirá ao estudante atingir os seguintes objetivos:

1. Reconhecer a importância da avaliação no âmbito educacional;
2. Saber o que é avaliar;
3. Identificar as diferenças entre avaliação, classificação e medida;
4. Saber quais são os âmbitos em que a avaliação exerce sua influência;
5. Determinar as características da avaliação;
6. Conhecer as funções e os tipos de avaliação existentes;
7. Saber quais são os principais modelos de avaliação.

3. Esquema

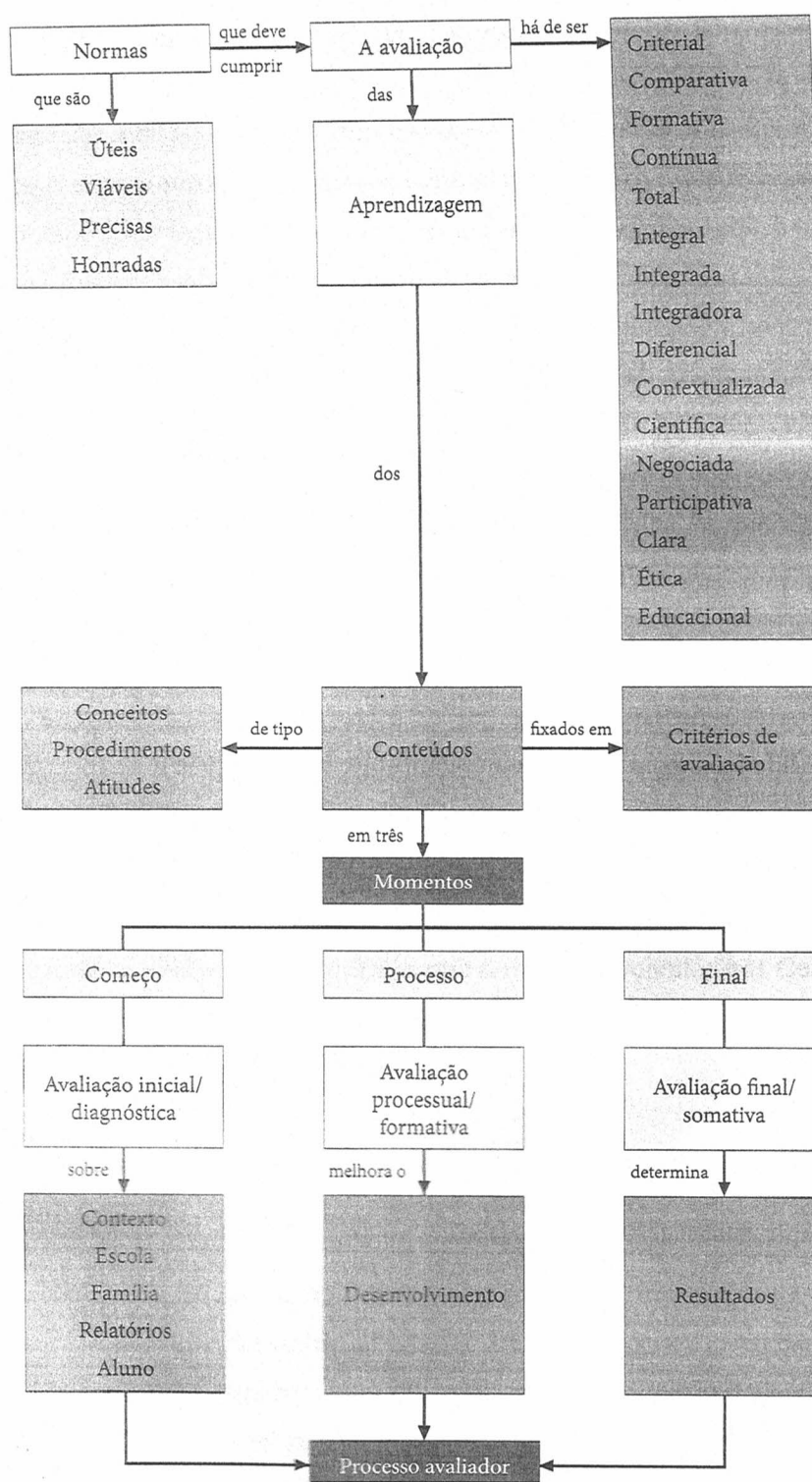
No gráfico da página seguinte, o estudante pode analisar antecipadamente, de forma esquemática e estruturada, os temas que serão desenvolvidos nos **Conteúdos** desta unidade didática, a fim de facilitar o estudo.

4. Conteúdos

4.1 Evolução do conceito de avaliação

A avaliação é, na atualidade, um dos temas que adquiriram maior destaque no âmbito educacional, visto que tanto administradores quanto educadores, pais, alunos e toda a sociedade em seu conjunto são mais cientes que nunca da importância e das repercussões que derivam do fato de avaliar ou ser avaliado. Isso pode ser devido, provavelmente, ao fato de existir, hoje, mais consciência da necessidade

de alcançar cotas de qualidade educacional maiores, bem como de aproveitar ao máximo os recursos disponíveis em uma sociedade que se encontra imersa, cada vez mais, em uma dinâmica competitiva à qual o mundo da educação não pode permanecer alheio. Talvez um dos fatores mais importantes que explicam por que a avaliação ocupa um lugar tão destacado no âmbito educacional seja a compreensão, por parte dos profissionais da educação, de que, na realidade, a avaliação foi constituída em uma disciplina científica que serve como elemento de motivação e de ordenação intrínseca da aprendizagem. A esse respeito, House (1993) considera que *“a avaliação passou de uma atividade marginal, desenvolvida em tempo parcial por acadêmicos, a uma pequena indústria profissionalizada”*. Essa mudança na forma de conceber e aplicar a avaliação representou importantes transformações, tanto em sua concepção quanto em sua prática, embora esses processos de mudança possam ser numerosos e abarcar diversos âmbitos do sistema educacional. Todos esses fatores estão nos levando a uma “cultura da avaliação”, que não se limita à escola, mas que se estende às demais atividades sociais, o que levou a maioria dos países, cientes dessa realidade, a fornecer recursos econômicos, materiais e humanos, dadas as expectativas que esse fenômeno gerou.



4.1.1 Períodos históricos

O termo *avaliação*, proveniente do mundo da indústria, sofreu uma profunda transformação histórica desde que foi implantado e divulgado no campo da educação, há apenas um século. Desde que Tyler, nos primeiros anos da década de 1930, introduziu o termo “avaliação educacional”, seu âmbito de estudo só fez se estender. Seguindo o percurso histórico realizado por Garanto (1989), podemos distinguir na evolução do conceito de avaliação, aplicada ao âmbito educacional, os seguintes momentos fundamentais:

Primeiro momento: A avaliação como medida. Situado entre final do século XIX e início do século XX, trata-se de uma concepção da avaliação baseada na Psicologia Comportamental (Skinner, Watson). Centrada, acima de tudo, no estabelecimento das diferenças individuais entre pessoas, utilizava como técnica predominante, e quase excludente, a aplicação de testes, tanto no âmbito individual quanto no coletivo (baterias de testes). Desse modo, a avaliação tinha pouco a ver com os programas que eram desenvolvidos nas escolas. ①

Segundo momento: A avaliação considerada como o grau de congruência entre objetivos e seu grau de consecução. Esta forma de conceber a avaliação deu-se nas décadas de 1930 e 1940, quando, graças a Tyler, a educação passou a ser concebida como um processo sistemático, destinado a produzir mudanças na conduta dos alunos por meio da instrução. Relacionada com o desenvolvimento tecnológico do currículo, a avaliação foi considerada como o mecanismo que permitia comprovar o grau de consecução dos objetivos propostos. ②

Terceiro momento: A avaliação considerada na totalidade do âmbito educacional. Esta concepção da avaliação foi desenvolvida nos Estados Unidos nas décadas de 1960 e 1970 e deu-se como consequência de um movimento de “responsabilidade escolar” surgido principalmente devido ao progressivo descontentamento que surgiu no país em relação à escola pública, apesar da grande quantidade de recursos econômicos direcionados a ela. A nova concepção que se tem da avaliação neste tempo faz com que não somente o rendimento dos alunos seja afetado, mas todos aqueles fatores que convergem em um programa educacional, isto é, professor,

recursos, conteúdos, atividades, organização, métodos, programas etc. (Informe Coleman, 1966). Neste momento é importante destacar, entre outras, a contribuição de dois autores: Cronbach e Scriven. O primeiro deles, Cronbach, define em 1963 a avaliação como “*Compilação e uso de informação para a tomada de decisões*”. Enfatiza muito a avaliação do processo e, ao mesmo tempo, reclama a necessidade de uma avaliação referente ao critério, por meio de objetivos previamente estabelecidos. Scriven, por sua vez, define a avaliação como “*Processo pelo qual estimamos o mérito ou o valor de algo que se avalia (dos resultados)*”. Para Scriven, trata-se de avaliar os resultados reais independentemente das metas e critérios preestabelecidos, dando especial atenção às atitudes geradas pelo programa nas pessoas implicadas. Foi ele quem realizou a identificação da *avaliação formativa* e da *avaliação somativa*. Também fala de avaliação intrínseca e extrínseca.

Tabela 1.1 – Evolução do conceito de avaliação

	Períodos	Avaliação entendida como
1	Até os anos 1920	Medida.
2	Anos 1930-40	Grau de consecução de objetivos.
3	Até finais de 1960	Totalidade do sistema educacional.
4	Década de 1970	Avaliação da mudança ocorrida no aluno.
5	Década de 1980	Quantitativa / qualitativa.
6	Década de 1990	Formativa / diferenciada / integradora.

Quarto momento: Novos enfoques ou tendências na avaliação. Essas tendências que irrompem na década de 1970 estão definidas, fundamentalmente, pelas seguintes características: avaliação orientada a dois âmbitos – aos alunos e à tomada de decisões sobre o programa ou o método – e avaliação entendida como “avaliação da mudança ocorrida no aluno como consequência de uma ação educacional sistemática”, acima de tudo por meio de uma boa formulação prévia de objetivos educacionais. É o auge das taxonomias (Bloom, Mager, Gagné), mas não faltaram críticas (Atkin, 1968). Por outro lado, a ênfase nos objetivos operativos como indicadores do sucesso de um programa traz a necessidade de compensá-la mediante

a avaliação criterial, que fornece uma informação real e descritiva da situação de cada aluno a respeito dos objetivos de ensino previstos, em vez de avaliá-lo por comparação com um padrão ou critério normatizado de realizações desejáveis em um determinado grupo de alunos (avaliação normativa).

Quinto momento: Proliferação de modelos. Os anos 1970 e seguintes caracterizam-se pela proliferação de modelos avaliadores, associados aos dois grandes paradigmas sobre avaliação: os baseados na avaliação quantitativa (paradigma quantitativo) e os baseados na avaliação qualitativa (paradigma qualitativo). Embora o enfoque de ambos os paradigmas sobre avaliação (quantitativo e qualitativo) seja bem diferente e seus esquemas estejam claramente diferenciados, ambos coexistem em muitos casos atualmente, visto que, assim como em épocas anteriores, não existe um único modo de conceber a avaliação nem de aplicá-la. Com a transformação do conceito de avaliação, foram sendo incorporados novos elementos provenientes de outras disciplinas, o que aprofundou seu sentido e tornou mais complexa sua concepção.

Sexto momento: da LOGSE à LOCE. A partir da década de 1990, a LOGSE impulsionou uma avaliação *globalizada, formativa e integradora*, e a LOCE (2002) concebeu-a, ainda, como *diferenciada*.

4.1.2 Abordagem do conceito de avaliação

O conceito de avaliação **não é** uniforme, e bem poderia ser considerado como a soma de muitos fatores **diversos e**, às vezes, diferentes entre si, que pretendem configurar um elemento ou **conceito comum**. É por isso que tentar definir o conceito de avaliação não é fácil, **fato pelo qual** podemos encontrar diversas definições e de todas elas poderíamos extrair **algum** elemento válido para chegar a uma definição que resultasse completa e **operativa**, levando em conta, ao fazê-lo, as diversas conotações que o termo avaliação **adquire**. Em uma tentativa de ilustrar o conceito “avaliação”, vamos apresentar **algumas delas**.

Para o Comitê Phi Delta Cappa **sobre** avaliação do ensino nos Estados Unidos, “avaliação é o procedimento que **define, obtém e oferece** informação útil para julgar **decisões alternativas**”.

Já Tyler (1950) considerava que *"o processo de avaliação é essencialmente o procedimento de determinar até que ponto os objetivos educacionais foram atualmente alcançados mediante os programas e currículos de ensino"*. Para aplicar esse processo, Tyler delimitava oito fases de trabalho:

1. Estabelecimento de objetivos;
2. Ordenação dos objetivos em classificações amplas;
3. Definição dos objetivos em termos de comportamento;
4. Estabelecimento das situações adequadas para que se possa demonstrar a consecução dos objetivos;
5. Explicação dos propósitos da estratégia às pessoas responsáveis, nas situações apropriadas;
6. Seleção ou aplicação das medidas técnicas adequadas;
7. Compilação dos dados de trabalho;
8. Comparação dos dados com os objetivos de comportamento.

Cronbach (1963) define a avaliação como *"a coleta e o uso das informações para tomar decisões sobre um programa educacional"*.

Schuman (1972) considera que *"avaliar é emitir juízos de valor"*.

Para De la Orden (1972), *"avaliar em educação significa definir, determinar ou valorar qualquer faceta da estrutura, do processo ou do produto educacional em função de critérios previamente estabelecidos"*.

Nesse mesmo ano (1972), Lafourcade escrevia que *"a avaliação tem por fim comprovar, de modo sistemático, em que medida se chegou aos resultados previstos nos objetivos que foram especificados com antecedência"*.

Para Stufflebeam (1973), *"avaliar é o processo de planejar, coletar e obter informação utilizável para tomar decisões alternativas"*.

Gronlund (1973) entende a avaliação como *"um processo sistemático para determinar até que ponto os alunos atingem os objetivos da educação"*.

Segundo Mager (1975), *"a avaliação é um processo para determinar o grau ou a amplitude de alguma característica associada a um objeto ou a uma pessoa"*.

Para Attkinson (1978), a avaliação é *"um sistema de ajuda essencial para a tomada de decisões em qualquer nível administrativo do sistema de apoio"*.

Lafourcade (1979) concebe a avaliação como *“uma etapa do processo educacional que tem por fim comprovar, de modo sistemático, em que medida foram atingidos os resultados previstos nos objetivos especificados com antecedência”*.

O Consórcio de Avaliação de Stanford – SEC (1980) define a avaliação como *“exame sistemático dos acontecimentos que ocorrem em um Programa, com o objetivo de melhorá-lo”*.

Para De la Orden (1981), *“avaliar faz referência ao processo de coleta e análise de informações relevantes para descrever qualquer faceta da realidade educacional e formular uma opinião sobre sua adequação a um padrão ou critério previamente estabelecido como base para a tomada de decisões”*.

Glass e Ellet (1980), e mais tarde Wortman (1983), caracterizam a avaliação como *“um conjunto de atividades teóricas e práticas, mas sem um paradigma geralmente aceito, com grande variedade de modelos e no qual se apreciam diversas modalidades e formas, consideradas como adequadas para avaliar”*.

Para Forns (1980), o conceito de avaliação pode ser abordado em vários níveis:

- › *Em nível técnico*, enquanto a avaliação visa comprovar o funcionamento do sistema educacional: trata-se de um controle ou balanço que indica se o sistema educacional está cumprindo suas funções.
- › *Em nível ideológico*, no qual a avaliação tem duas funções importantes e delicadas: por um lado, legitimar a herança cultural, ajudando, desse modo, a perpetuar a ordem estabelecida, e, por outro, eliminar os sujeitos que não pertencem à classe social dominante, visto que não assimilaram devidamente os princípios ideológicos que lhes pretendiam transmitir.
- › *Em nível psicopedagógico*, visto que se aplica a alunos específicos mais que a entidades.

Para o Joint Committee on Standards for Educational Evaluation (1981), *“a avaliação é o julgamento sistemático da valia ou mérito de uma coisa”*.

Nevo (1983) entende a avaliação como *“processo que provê de razões para uma correta tomada de decisões”*.

Para Stufflebeam e Shinkfield (1987), *“a avaliação consiste na compilação de dados*

de trabalho mediante a definição de metas que proporcionem escalas comparativas ou numéricas a fim de justificar os instrumentos de compilação de dados, as valorações e a seleção das metas”.

Segundo García Ramos (1989), a avaliação é “um processo sistemático de identificação, coleta e tratamento de dados sobre elementos e fatos educacionais com o objetivo de avaliá-los primeiro e sobre essa avaliação tomar decisões”.

Para Benedito (1990), “avaliar é uma atividade sistemática, contínua e integrada ao processo educacional, cuja finalidade é conhecer e melhorar o aluno em particular e o processo educacional, com todos os seus componentes, em geral”.

Casanova (1995) entende a avaliação como “um processo sistemático e rigoroso de coleta de dados, incorporado ao processo educacional desde o início, de maneira que seja possível dispor de informação contínua e significativa para conhecer a situação, formar juízos de valor com respeito a ela e tomar as decisões adequadas para prosseguir a atividade educacional, melhorando-a progressivamente”.

Mais recentemente, Rodríguez Diéguez (1998) afirma que “a avaliação consiste no processo e resultado da coleta de informação sobre um aluno ou um grupo de classe com a finalidade de tomar decisões que afetem as situações de ensino”.

Tabela 1.2

Ano	Autor	Contribuições relevantes
1887/1898	J. Rice	Primeira avaliação formal educacional realizada na América.
1916	H. Fayol	Demonstrou que em todas as organizações existem determinadas funções fundamentais para seu sucesso: prever, organizar, dirigir, coordenar e controlar.
1942	R. Tyler	Pai da avaliação educacional, centrando-se no uso de objetivos definidos claramente, mediante a construção e a utilização de instrumentos de avaliação apropriados.

(continua)

(Tabela 1.2 – conclusão)

1943/1945	Exército dos Estados Unidos	Utilização maciça de testes psicológicos, abrindo caminho para a aplicações aos alunos e, dessa forma, conhecer sua aprendizagem/rendimento.
1960/1969	Bloom, Mager, Stenhouse...	A avaliação é centrada na avaliação da mudança produzida no aluno como resultado de uma formulação de objetivos educacionais.
1963	L. J. Cronbach	Avaliação como processo de coleta e uso da informação, com tomada de decisões posterior.
1971	D. L. Stufflebeam	Defende a necessidade de avaliar metas e analisar serviços.
1972	H. Parlett e D. L. Hamilton	Propuseram o conceito de avaliação iluminativa, concedendo grande importância ao contexto a avaliar.
1978	M. Scriven e D. L. Stufflebeam	Propõem o conceito de <i>meta-avaliação</i> a fim de comprovar e reforçar a qualidade das avaliações.
1982	Stenhouse	Propõe o conceito de professor como investigador.
1982	J. Elliot	Propõe o conceito de <i>autoavaliação</i> , mostrando seu interesse pelas interpretações dos integrantes da avaliação.
1986	S. Kemmis	Propõe o princípio de pluralidade de valores, no qual prima pelo conhecimento dos valores para a emissão de opiniões apropriadas por parte dos avaliadores.
1986	J. L. Rodríguez Diéguez	Propõe três eixos para a avaliação: quantitativo/qualitativo, normativo/criterial e formativo/somativo.
2002	S. Castillo Arredondo	Enfoque <i>sistêmico e integrado</i> da avaliação: processo avaliador dentro dos processos de ensino e de aprendizagem.

E, para Castillo Arredondo (2002), “a avaliação deve permitir, por um lado, adaptar a atuação educacional/docente às características individuais dos alunos ao longo de seu processo de aprendizagem e, por outro, comprovar e determinar se estes atingiram as finalidades e as metas educacionais que são o objeto e a razão de ser da atuação educacional”.